



Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras



131777404X



1

39  
5

(6) - 9 - 15

Handwritten scribbles consisting of several overlapping loops.

ULYSSEA,

OU

LISBOA

EDIFICADA,

Sala	EF
Est.	10
Tab.	8
N.º	2



ULYSSES

OF

ULYSSES

REPLICADA


x  
ULYSSEA,  
OU  
LISBOA  
EDIFICADA.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

GABRIEL PEREIRA  
DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e  
nomeado por Sua Magestade para Chan-  
celler mór do Reyno de Portugal.

OFFERECIDO

4763

A ELREY D. JOAM V.

NOSSO SENHOR.

*Da Secretaria do Real Monestrio  
de S. Lourenço de Coimbra.*



LISBOA.

= N.º 8.092 =

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Im-  
presor do Senh. Card. Patriarc.

M. DCC. XLV.

Com as licenças necessarias



ULYSSEA,

OU

LISBOA

EDIFICADA.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

GABRIEL PEREIRA

DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e  
nomeado por Sua Magestade para Chan-  
celler mór do Reyno de Portugal.

1713

OFFERECIDO

A EL REY D. JOAQUIM V.

NOSSO SENHOR.



*Deferencia*  
*de*

LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Im-

pressor do Senh. Card. Patriar.

M. DCC. XLV.

Com as licenças necessarias



# SENHOR.



*Insigne Jurisconsulto Gabriel  
Pereira de Castro havendo  
louvavelmente empregado o tempo nas A-  
cademias, e nos Areopagos, mostrando tam-  
bem*



6  
bem a sua fecunda sciencia na composiçaõ  
de alguns livros de Direito, que correm  
com geral applauso, se naõ descuidou com  
tudo de cultivar as Musas, e taõ feliz-  
mente, que dellas conseguiu a doçura, ele-  
gancia, e magestade, com que compoz este  
grande, e singular Poema. Foy sua em-  
preza a mayor acçaõ de Ulysses na edifi-  
caçaõ, ou reedificaçaõ de Lisboa, que  
delle conserva a memoria no seu nome, im-  
mortalizando assim o deste invicto Capi-  
taõ em reconhecimento de tamanho bene-  
ficio. Elegeo por Mecenas deste seu Poema  
ao Senhor Rey D. Philippe IV. de Castella,  
entaõ reynante em Portugal por occultas  
disposiçoens do Ceo; porẽm se o Auçtor al-  
cançara os presentes tempos, nem este  
Principe fora o Mecenas do seu canto,  
nem o heroe delle aquelle General, porque  
em V. Magestade teria mais alto assum-  
pto, e a mais propria protecçaõ.

Menos deve Lisboa a Ulysses do que a  
V. Magestade; pois se aquelle heroe lhe  
deo hum limitado, e humilde principio, V.  
Magestade a tem exaltado ao cume da ma-  
yor grandeza, e felicidade, como testi-  
mu-



munhaõ tantos edificios sumptuosos, e magnificos, com que se acha novamente engrandecida esta inclyta Cidade, e sobre tudo ornada de politica, defendida de justas leys, e santificada com tantos augmentos no culto divino, que a piedade, e grandeza de V. Magestade tem promovido com ardente zelo, e dispendio de immensos thesouros.

Esta he a mayor gloria de Lisboa, e fora tambem a do Auçtor, se este seu Poema sahira á luz publica debaixo dos gloriosos auspicios de V. Magestade, como Senbor natural, e Numen soberano das letras, e sciencias. Esta felicidade porém, que elle não conseguiu, lhe sollicito eu agora do modo possivel, offerecendo a V. Magestade este livro, que fiz reimprimir por não se perder a memoria de taõ excellentes obra; e estampado nelle o Augusto nome de V. Magestade, ficará recobrando a graça, que lhe faltava, e Lisboa adquirindo novos timbres, e mais esclarecida fama, quando assim honrada a sua historia. Deos guarde a V. Magestade por muitos annos para bem destes Reynos, augmento desta

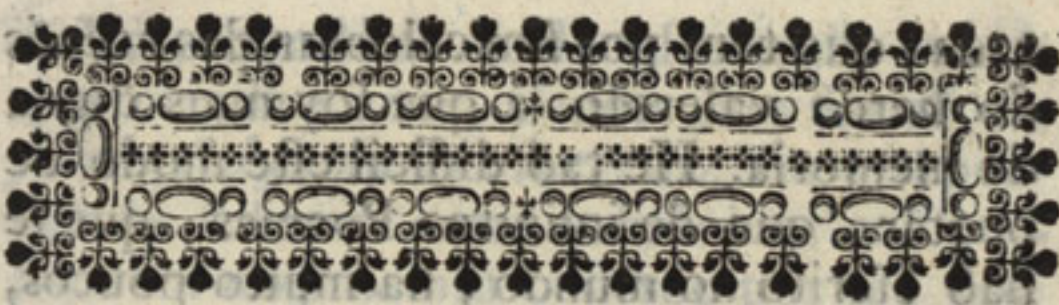


*nobre Cidade, e complemento dos desejos  
de seus fieis, e amantes vassallos.*

**Mathias Pereira da Silva.**

**DIS-**





# DISCURSO POETICO

DE MANOEL DE GALHEGOS.

**E** Aço este juizo naõ só porque obedeço a quem me manda, mas porque me acredito mostrando, que sey conhecer as excellencias, e prerogativas deste insigne Poema; e porque sirvo aos curiosos fazendolhe hum compendio das finezas, e primores da arte, que nelle observará quem o ler com a applicaçõ, que pede a altivez, e soberania de seu estilo.

O Poema heroico he huma poesia levanta-

ta.



## XLI.

A grande nao, que Alcino governava;  
 Em Creta fabricada, não podendo  
 A's ondas resistir, com que lutava,  
 O lado abrindo, os mares vay bebendo:  
 A de Philon o centro, e Ceo tocava,  
 Que sem leme, e sem arvores correndo,  
 Cahe nos braços do vento, e da tormenta  
 Nas rochas, aonde em flor o mar rebenta.

## XLII.

Rotas as vellas, e arvores rendidas,  
 Vendo que o mar engrossa, os ventos creíscem,  
 As outras naos ás ondas atrevidas  
 C'uma pequena vella se offerecem:  
 As mais da companhia divididas  
 Raras por entre as ondas apparecem,  
 Nas mãos do vento, de Orion armado,  
 De horror, e negras sombras carregado.

## XLIII.

Vendo Juno dos ventos a braveza,  
 Que as naos rendidas leva, e desgarradas,  
 Os naufragios, as mortes, e a riqueza  
 De Troya entregue ás ondas empoladas:  
 Desce ao grande Neptuno com presteza,  
 Dizendo: Acode Rey ás mal tratadas  
 Naos, primeiro que o vento poderoso  
 Lhe dê ( se não deo já ) fim lastimoio.

D

Se



## XLIV.

Se Ulysses, e Agamenon abrazaraõ  
 A Troya, alto decreto foy divino,  
 Que as Gregas armas nella executaraõ,  
 Que mal pôde estorvarse o que he destino:  
 Com que ordem os duros ventos levantaraõ  
 Em ferras todo o Reyno Neptunino?  
 Pois por Venus sem outro fundamento  
 Solta Eolo as prizoens ao bravo vento.

## XLV.

Para mim o teu rogo, o teu mandado  
 ( Neptuno lhe tornava ) he ley segura,  
 O vento cesse, e a teus pés prostrado  
 Victorioza lhe opprime a cerviz dura:  
 Que ainda que de Ulysses enojado,  
 Por ti me esquece tudo, ó deosa pura,  
 E assaz de pouco faz quem te obedece:  
 Quando te vê, se tudo o mais lhe esquece.

## XLVI.

Agora o mar se abrande: isto dizendo,  
 Sobe no carro azul, que vaõ tirando  
 Escamosos cavallos, que vertendo  
 Hiaõ fogo da vista, o mar cortando:  
 As ondas amarissimas bebendo,  
 Que sobre ellas em arco vaõ botando,  
 Neptuno a nova colera os incita,  
 Soa o açoute, e aos cavallos grita.

Sobre



## XLVII.

Sobre as ondas mais altas se levanta  
 O carro, que seu pezo reconhece,  
 Vibra o largo tridente, o vento espanta,  
 Quando mais indinado se embravece :  
 Solta a medonha voz com furia tanta,  
 Que no mais fundo Thetis estremece,  
 Que o som da voz, e a força do tridente  
 Amanfa o vento, e os mares juntamente.

## XLVIII.

Da barba prenhe de humido rocio,  
 Que sobre o pardo peito descansava,  
 O liquido crystal correndo em fio  
 Lavando os membros nús, ao mar tornava :  
 Já se humilha de medo o vento frio,  
 E aos pés por lhos beijar se debruçava,  
 Da crespa fronte voa em si revolto  
 O molhado cabello ao vento solto.

## XLIX.

Fogem do ar as nuvens num momento ;  
 Sereno o mar se mostra, o Deos irado  
 Voltando o rosto diz ao bravo vento,  
 Que rendido a seus pés está prostrado :  
 Onde se vio tamanho atrevimento,  
 Que estou ? Porém socegue-se o alterado  
 Movimento das ondas, e prometo,  
 Que eu o emende, estando o mar quieto.



## L. IX

Dizey ao vosso Rey, que elle dós ares  
 As furias mova, e tempestade fria,  
 Arranque os mores montes, que dos mares  
 Só eu tenho a profunda monarchia,  
 Occupe suas cavernas, e lugares,  
 Onde nunca chegou a luz do dia,  
 Lá tenha seu imperio preminente,  
 Que o mar só reconhece o meu tridente.

## L. X

Disse, e o carro veloz atravessava  
 Sobre o undoso campo, que cobrindo  
 De branca escuma vay, quando passava  
 A leve roda, alto caminho abrindo:  
 Já para acompanhallo se ajuntava  
 Copia dos deoses humidos, sahindo  
 Do mais fundo do mar, onde habitavaõ,  
 Que em cavallos maritimos cortavaõ.

## L. II.

Deixaõ das ondas o ceruleo claustro  
 Os Cidadãos do mar, e as excellentes  
 Ninfas sahindo no soberbo plaustro,  
 Na agua accendendo vaõ chamas ardentes:  
 Deixaõ seu brio, e grandes forças Austro,  
 Africo, e Noto, sendo taõ valentes,  
 Toda a ira depoem, e os negros ares  
 Apartaõ, socegando os grollos mares.

Qual



## LIII.

Qual de humã negra phoca o dorso opprime,  
 Que no liquido campo governava,  
 Qual num monstro disforme, alto, e sublime  
 Abre o puro crystal, que se humilhava:  
 Qual sobre hum lobo sahe, e a lança esgrime  
 Do coral, que com o ar se congelava,  
 Qual pelas crespas ondas, que atravessa,  
 O cavallo maritimo arremessa.

## LIV.

Vem num ceto disforme com canino  
 Aspecto o velho Glauco, e de Atamante  
 Palemo filho, e da formosa Ino  
 Nadando num delfim, vinha diante:  
 O buzio toca retorcido, e fino  
 O filho de Salacia, e a prestante  
 Thetis faz sobre o mar doce chorea,  
 Com Symodoce, Spio, e Panopea.

## LV.

Phorcis pay de Medusa tambem veo  
 Com seu copioso exercito nadando:  
 Forma humana tomou o graõ Proteo,  
 E das phocas o segue o immundo bando:  
 Fere a liquida prata o graõ Nereo,  
 A redea diamantina governando,  
 Com que modera a verdinegra boca  
 D'uma arrogante, e prodigiosa phoca.

Qual



## LVI.

Qual valeroso Capitaõ , que tendo  
 Alcançada victoria gloriosa ,  
 No campo fica alegre, recolhendo  
 Despojos da batalha sanguinosa :  
 E as tubas, que provocaõ Marte horrendo,  
 Leva diante em pompa sumptuosa :  
 Assim dos seus Neptuno acompanhado  
 Victorioso passeia o mar salgado.

## LVII.

Como isto entendeo Phebo, com luz branda  
 O diafano ar alegre enchia :  
 Fogem do Ceo as nuvens a outra banda,  
 E o Norte frio o largo Ceo varria :  
 Riaõse as ondas, todo o mar se abranda,  
 E em prisaõ dura logo recolhia  
 O grande Eolo os alterados ventos,  
 Concertaõ paz segura os elementos.

## LVIII.

Nas brancas azas colhe alegremente  
 O favoravel vento o solto pano,  
 Quando já de Climene o filho ardente  
 Morre, abrazando as aguas do Oceano :  
 A noite foge , a mal tratada gente  
 Do trabalho passado em doce engano  
 Pelo convez o pezo suspendia  
 Do cuidado, e cansada fantasia.

A touca



## LIX.

A touca, que de nuvens fez delgada,  
 Nas ondas lava a Aurora fugitiva,  
 E a agua em puras gotas congelada  
 Recebe a concha sobre o mar lasciva:  
 Que dentro della em perolas formada  
 Sahe para honrar a testa mais altiva,  
 Que enriquece a Neptuno, o Ceo namora,  
 Pura neta do Sol, filha da Aurora.

## LX.

Vemos, rompendo o Sol, estar defronte  
 A grande Ilha de Scyro, onde alterado  
 Neptuno os cornos da cerulea fronte  
 Quebrando se retira de affrontado:  
 Onde as nuvens assalta hum grande monte,  
 A quem a seu pezar tinha tomado  
 Thetis tamanha parte de seu centro,  
 Que espalha as ondas com silencio dentro.

## LXI.

Para huma parte a levantada ferra,  
 Onde humilhava hum pouco a fronte altiva,  
 Huma alegre enseada dentro encerra,  
 De assentos rodeada, em pedra viva:  
 Onde huma, e outra fonte a fresca terra  
 Cruza em serpes de vidro, e se deriva,  
 Que offendida das pedras, que tocava,  
 Com espumosas bocas murmurava.

Aqui



## LXII.

Aqui das Ninfas era usado assento,  
 Que aquelles frescos bosques habitavaõ,  
 E alli seguras do inquieto vento  
 As naos se recolhiaõ, e ancoravaõ:  
 Sem dos mares sentir o movimento  
 Dormindo sobre as ancoras passavaõ,  
 Aqui folta, chegando hum, e outro pinho,  
 Unhas de ferro, encolhe azas de linho.

## LXIII.

Sahe a gente affligida, e destroçada,  
 Bebe das fontes a copiosa vea,  
 A terra beija, e deitase cansada,  
 Por descansar na molle, e branda areia:  
 Ferio Alcipo a pedra congelada,  
 Invençaõ de Pirode, e o fogo atea,  
 Ao lume secas folhas chega, e logo  
 No arido alimento cresce o fogo.

## LXIV.

Contentes se enxugavaõ nas amigas  
 Flâmas, vencido já o mortal perigo:  
 Aprendendo das providas formigas,  
 Tiraõ para enxugar o molle trigo:  
 Em quanto nestas asperas fadigas  
 Se occupavaõ os mais, eu só comigo,  
 Entrando num profundo sentimento,  
 Fallava, e respondia ao pensamento.

Pelas



## LXV.

Pelas ondas os olhos alongando ,  
 Nellas os companheiros mortos via,  
 Que o grosso rolo da agua vem botando  
 Pela deferta praya, humida, e fria :  
 Ao monte alto subia , imaginando  
 Que de mais longe o mar descobriria,  
 E co' a alma nos olhos corro os mares,  
 Sem o peso os deter de meus pezares.

## LXVI.

Crendo que as naos ao longe divizava,  
 Alvorocado desço do alto monte,  
 Quando já á tarde fria o Sol pintava,  
 Bordando de ouro as nuvens do horizonte:  
 Creonte, que eu comigo entaõ levava,  
 Hum rebanho de vacas vê defronte  
 Andar pascendo , e logo desviados  
 Em bandos os cornigeros veados.

## LXVII.

Cautamente se chega, o espaço mede,  
 Junta as pontas do arco, e sacudindo  
 A corda , sahe veloz, que o vento excede,  
 A mortal setta , o ar delgado abrindo :  
 Chega onde a vista aponta , e mata a fede  
 No sangue de hum graõ touro , que cahindo  
 Defanimado morde a terra, e sólta  
 A alma robusta em negro sangue envolta.

Eu



## LXVIII.

Eu logo á praya defço, e alli chegados  
 Os navios, que aos mares escaparaõ,  
 Na terra ancoras prendem, que os soldados,  
 Da proa com destreza ao mar lançaraõ:  
 Entre a furia dos ventos alterados  
 Ao longe apenas dous se divizaraõ,  
 Que quando mais de perto os descobrimos,  
 Perecer juntos entre as ondas vimos.

## LXIX.

Os casos da fortuna mais temidos,  
 (Lhes digo) vence lô quem a despreza,  
 Que dos lugares altos, e subidos  
 Todo o caminho he cheyo de aspereza:  
 Dos trabalhos passados, e vencidos  
 Se alegra o forte, que de os ter se preza,  
 Que o perigo mais aspero, e mais grave  
 A passada lembrança o faz suave.

## LXX.

Se a fortuna nos mostra o rosto iroso  
 Da futura alegria da esperança,  
 Passado o tempo triste, e procelloso  
 As vellas enche a prospera bonança:  
 Refaçamos a armada, e com piedoso  
 Affecto aos corpos, que na praya lança  
 O mar, demos sepulcro eterno, e breve,  
 Que ços mortos piedade usar se deve.

Logo



## LXXXVI.

Junto delle está Affonso de alto aspeito,  
 Que tem no punho a espada vencedora,  
 A quem ficará sendo imperio estreito  
 O que ha do frio Occaso á roxa Aurora:  
 Este com firme, e invencivel peito  
 Da gente, que nos Caspios montes mora,  
 Cinco Reys vencerá, pondo a Lisboa  
 Das cinco huma dignissima coroa.

## LXXXVII.

Vencerás o inimigo, ó Rey famoso,  
 Digno deste triumpho illustre, e claro,  
 Pizando os estandartes victorioso,  
 Que contra ti tremola o Mouro avaro:  
 Da Maura infania açoute milagroso,  
 Por quem milita o Ceo com favor raro,  
 Vendo a teus pés mil vezes arrazado  
 O vivo muro do inimigo armado.

## LXXXVIII.

Mandará vir o Ceo para ajudarte  
 Guilherme illustre da inclita Alemanha,  
 Childe Rolim de Flandres novo Marte,  
 Que no cerco te segue, e te acompanha:  
 O perigo entre todos se reparte,  
 De sangue alheyo, e seu cada hum se banha,  
 Que entraõ na empreza os fortes Cavalleiros  
 Como vaslалlos não, mas companheiros.

O que



## LXXXIX.

O que está junto delle he o excellente  
 Sancho, do mundo assombro, e maravilha;  
 Por quem verá Albayaque ir a corrente  
 De Alquibir fanguinosa á graõ Sevilha,  
 A quem depois Miramolim potente  
 A ceryiz com mais treze ao jugo humilha,  
 Que faz co' ferro abrindo negras veas,  
 Purpurear as pallidas areas.

## XC.

Vês o segundo Affonso, que manchada,  
 Por fer de tantos Mouros homicida,  
 Mostra do sangue a cortadora espada  
 No temeroso Alcaçar taõ temida:  
 Junto delle está Sancho, que a prezada  
 Coroa engeitará, buscando a vida  
 Mais segura, a quem segue o valeroso  
 Terceiro Affonso de Matilde esposo.

## XCI.

O que vês co' a viseira reluzente  
 He Dinis, que na acefa vista ardendo  
 De seu braço, e espada refulgente  
 Em Castella Fernando está tremendo,  
 A quem depois co' a valerosa gente  
 Portugueza, do Mouro defendendo,  
 Estenderá sua fama pela dura  
 Guerra do Sagitario a Cynofura.

Esse



## XCII.

Este terá a illustre, e chara esposa  
 Do sangue de Aragoã bella Isabella,  
 Que só procura n'alma ser formosa,  
 Sendo tobre a mayor belleza bella:  
 Da terra ao Ceo na morte milagrosa  
 A' mór esfera sobe a ser estrella,  
 A terra enriquecendo de memoria,  
 De espanto Hespanha, o mesmo Ceo de gloria!

## XCIII.

Aquelle do bastaõ ferá o temido  
 Quarto Affonso, nas armas Marte irado,  
 Pelo invencivel braço conhecido  
 Na sanguenta batalha do Salado,  
 Aonde Alboacem sendo vencido,  
 Quietó o Hispano Affonso, e socegado,  
 Elle, que gloria só procura, e ama,  
 Nada quer da victoria além da fama.

## XCIV.

Este, que vês robusto, e bem disposto,  
 Cor parda, nariz alto, olhos fogaços,  
 He Pedro, que desmente em fero rosto  
 Os brandos pensamentos amorosos,  
 Que amará a bella Ignez, e aquelle gosto  
 Lhe roubaráõ os fados invejosos,  
 Quando matando a dous hũa só ferida,  
 Cahirá do mesmo golpe o amor, e a vida!

Quem



## XCV.

Quem he aquelle de aspeito venerando;  
 Pergunta o Grego, a quem responde logo  
 Circe, que nas delicias he Fernando  
 Mais conhecido, que no Marcio jogo:  
 Que em sua terra o Castelhana bando  
 Sofrerá, vendo arder o Hispano fogo,  
 Voar Lisboa do lugar que teve  
 Aos espaços do ar em fumo leve.

## XCVI.

O da insignia verde, e grave aspeito;  
 Que em corpo giganteo alto, e membrudo  
 Veste de arnez luzente o forte peito  
 Apertando no punho o estoque agudo:  
 He Joaõ, que a seus pés tem o perfeito  
 Dom Nuno Alvares Pereira, vivo escudo  
 Do Reyno, e Rey, que o jugo Castelhana,  
 Sacode do pescoço Lusitano.

## XCVII.

Por este a patria afflicta, libertada,  
 Estendida, opulenta, ennobrecida  
 A rica idade gozará dourada,  
 Que só será de ferro em ser temida,  
 Qual cometa fatal a sua espada  
 Depois de dar ao Orco tanta vida,  
 Ornada de diamantes, e de estrellas  
 Será no Olympo collocada entre ellas,

Este



## XCVIII.

Este Rey sem vencello a adversidade  
 Porá no Ceo as Lusitanas quinas,  
 E do solto inimigo a liberdade  
 Enfreará vestindo as armas finas:  
 Dará premio, e castigo em igualdade,  
 Nutrindo, e fecundando artes divinas,  
 Da patria pay, para que o mundo veja,  
 Que alli não acha que emendar a inveja.

## XCIX.

Logo o grande Duarte, que affectando  
 Das estrellas, e Ceo o arduo caminho,  
 Do mar as ermas ondas povoando  
 Irá com tanta vella, e tanto pinho:  
 Do Sol co' a vista os rayos aturando,  
 Que he aguia taõ real, como he seu ninho,  
 Vencendo o seu belligero estandarte  
 Dous mores inimigos morte, e Marte.

## C.

Aquelloutro, que o Sol imita armado  
 No resplandor, he o grande Affonso quinto,  
 A quem se devem para seu traslado  
 Marmores Parios, bronzes de Corinto,  
 De quem a terra, e mar mais apartado  
 Tremerá deste polo ao mais distinto,  
 Dando mór fama para engrandecela  
 A graõ Lisboa, que Alexandre á Pela,

K.

Logo



## CX

Logo Joaõ segundo bellicoso  
 Fará escura toda a fama alhea,  
 Vendo levar seu nome glorioso  
 Té onde o ardente Sol ferve na area,  
 Descobrando o graõ cabo, que o famoso  
 Nilo em cothurnos de chrystal passea,  
 Rey exemplo de Reys, digno governo,  
 Que fora eterno Rey de hum Reyno eterno.

## XCII

He o do largo manto o preeminente  
 Primeiro Emanuel, que a vencedora  
 Serpe levará aos mares do Oriente,  
 E aos bordados de luz Reynos da Aurora:  
 A este Neptuno humilha a graõ corrente,  
 E a gente, que de Antheo nos campos mora,  
 Vem pedir leys, e o barbaro gentio  
 Da terra, onde o Sol faz perpetuo estio.

## CIII

Chegará onde nunca o eco, ou fama  
 Chegou, toda a Asia tremerá de ouvido  
 Da parte, onde o Sol tem dourada cama,  
 Té onde acaba sem mudar o estilo:  
 De medo já com sete bocas brama,  
 Por se esconder dentro em seu mar, o Nilo;  
 Dandolhe estatuas o que bebe Hydaspes  
 De ouro, e Atlante de Africanos jaipes.

Junto



## CIV.

Junto d'elle Joaõ está terceiro,  
 A quem seu mar, seu Oriente humilha  
 O inventor raro do animal guerreiro:  
 E da terra, e do Sol a bella filha,  
 Será depois de tantos o primeiro  
 Terror dos mares de Asia, e maravilha,  
 Em cujos hombros descansar podera  
 O grave pezo da mayor esfera.

## CV.

Vês logo Sebastiaõ forte, e temido,  
 Novo filho do Sol, que entra arrogante  
 E em suas grandes forças atrevido,  
 Quer pizar a cerviz do velho Atlante:  
 Intenta ver a hum tempo destruido  
 De Marrocos o muro, e Turudante,  
 Mas ah que vejo ao Reyno sua ruina  
 Num Rey, que he moço, e só se determina!

## CVI.

Vê bem o grave, e carregado aspeito,  
 Com que hum mudo pavor nas almas cria,  
 E nota que em seu rosto, e forte peito  
 Grandes cousas se vem co' a fantasia:  
 Que dá esperanças o famoso objeito  
 De não imaginada monarchia,  
 Mil sombras de inimigos debellados  
 O cercaõ, mil de Reynos conquistados.



## CVII.

Seguirá de Bellona a imagem fera,  
 A que a Ninfa de Amphrifo a gloriosa  
 Rama prepara, que cingir espera  
 A sua altiva fronte victoriosa:  
 Fatal aflombro de hũa, e d'outra esfera;  
 Se a tantas esperanças invejosa  
 A fortuna, que o vê, não no atalhara,  
 Larga nos males, só nos bens avara.

## CVIII.

Que saudoso pranto, e magoas vejo  
 Dizer sem fructo á Lusitana gente,  
 Quando chorar com dor, e amor sobejo  
 Sua morte, e sua ruina juntamente:  
 Que exequias lhe farás laudoso Tejo,  
 Vendo crescer co' pranto a tua corrente,  
 Quando os funebres tumulos, e altares  
 Com tuas ondas turbadas visitares.

## CIX.

Venhaõ cheirosos lirios, venhaõ rosas,  
 Venhaõ flores deitadas a maõ chea,  
 E a estas saudades amorosas  
 Dos olhos acompanhe a larga vea:  
 O que em purpureas vestes gloriosas  
 Com tanta magestade o corpo arrea,  
 O santo Henrique he, para que fique  
 Do nome do primeiro ultimo Henrique.

O que



## CX.

O que vestido o arnez tem rutilante  
 He o graõ Filippe, cuja forte armada  
 Teme o Turco em Lepanto, a quem Barbante  
 A cerviz dura inclinará domada:  
 A quem hum mundo não será bastante,  
 Cujos leões co' a garra levantada  
 Olhando a terra, e todo o mar profundo  
 Fará tremer o antigo, e novo mundo.

## CXI.

Logo Filippe, que gosando unida  
 Em paz a dilatada Monarchia,  
 Verá o fio cortado á doce vida,  
 Que em fuzo de ouro Lachesis lhe fia:  
 De Cometas infaustos opprimida  
 Se verá a noite arder pallida, e fria  
 Por mostrar que de Rey taõ excellente  
 A morte, e perda até no Ceo se fente.

## CXII.

O ultimo, que vês, he o graõ Monarca,  
 E terceiro Filippe esclarecido,  
 A quem em tear de ouro a justa Parca  
 O estame tece a seu valor devido:  
 A quem beijará o pé tudo o que abarca  
 Da pura Thetis o humido marido,  
 Para emular seu simulacro raro  
 Ha de desentranhar seus montes Paro,

A este



## CXIII.

A este graõ Monarcha descobrindo  
 O Sol novas naçoens no mar profundo,  
 Naõ contente que mande o Chile, e o Indo,  
 Lhe quer na terra abrir terceiro mundo:  
 Ao quinto Carlos em valor seguindo,  
 A Filippe primeiro sem segundo  
 No saber, que no alto peito enferra,  
 Será Pilippe em paz, Carlos na guerra.

## CXIV.

Hum, e outro Neptuno carregado  
 De fayas tremerá nos dous extremos,  
 Hum de bosques de vellas subjugado,  
 Outro ferido de pezados remos:  
 Versehá o Ingles. e Belga fulminado,  
 Que dos leoens Hispanos bem podemos  
 Presumir, que suas forças singulares  
 Nas unhas levaráõ terras, e mares.

## CXV.

Verá o Imperio seu taõ estendido,  
 Que elle mesmo se impida o crescimento,  
 De perolas, e neve guarnecido  
 Verá o Norte, e o Sul seu grande augmento:  
 Com diamantinos cravos impedido  
 Da roda da fortuna o movimento  
 Ha de estar firme, inda que o tempo corra,  
 Ha de viver, ainda que o tempo morra.

Nisto



## XXIII.

Nos montes , e apartados arvoredos  
 Muitos nocturnos passaros voaraõ,  
 E nas concavidades dos penedos  
 Vozes de aves infauftas se escutaraõ:  
 Sem cothurno , e sem faxa a estes segredos  
 Assistio Hymineo , e naõ faltaraõ  
 Gemidos de animaes , que o ar abrindo,  
 Foraõ tristes agouros repetindo.

## XXIV.

Em seus braços Calypso as horas passa,  
 Que da prizaõ suave se contenta,  
 Hum amoroso laço ambos enlaça ,  
 Ambos huma alma anima , ambos sustenta:  
 Na bella vista , e peregrina graça,  
 Em quanto elle seus olhos apascenta,  
 Praticando co' a alma a alma estava,  
 E o coraçãõ co' coraçãõ fallava.

## XXV.

Está Chelos á vista altivo monte,  
 Fertil de muita caça , que com tanta  
 Altivez sobre as nuvens ergue a fronte,  
 Que do Olympo , e do Pindo se adianta:  
 De cuja espalda huma perpetua fonte,  
 Cahe até lhe beijar a humilde planta,  
 Depois que pelo frio inverno teve  
 Penteadas do vento as cans de neve,

Dos



## XXVI.

Dos monteiros soava a vozeria,  
 Das buzinas o estrondo juntamente,  
 Ferve a montanha toda, onde tremia  
 O tronco mais robusto, e eminente;  
 Das altas brenhas o eco respondia,  
 Como que a voz humana represente,  
 Sahem as feras, deixando suas moradas,  
 De ligeireza, e de fereza armadas.

## XXVII.

Os animaes cobardes fugitivos  
 Sahem em esquadras, cuja variedade  
 Espanta, alguns ás mãos se tomaõ vivos,  
 Sem lhe valer sua grande agilidade:  
 Ligeiros gamos, corços, e os altivos  
 Veados sahem, que na velocidade  
 Dos pés a vida trazem, e na corrida  
 Hiaõ fugindo dilatando a vida.

## XXVIII.

Alli hum dobra o arco, a terra esmalta  
 Do negro sangue da inocente fera,  
 Este subido na arvore mais alta,  
 O bravo porco, e o veado espera:  
 A rede outro estendia adonde falta,  
 Outro do cordaõ larga, onde prendera,  
 O libréo forte, e manda que arremeta,  
 Sahindo qual de hum arco a aguda seta.

Apos



## XXIX.

Apoz fylvestres cabras, que espalhadas  
 Pascendo os largos valles vaõ cobrindo,  
 Gorgoris vay com voltas dilatadas,  
 A humas dando morte, outras seguindo:  
 Ellas trepaõ nas penhas levantadas,  
 E de huma pedra n'outra vaõ subindo,  
 Gorgoris te avantaja na destreza  
 A todos, no ar do corpo, e gentileza.

## XXX.

Crendo que entrara Ulysses na espestura,  
 Pelo alcançar os montes fatigava,  
 Quando hum sabujo, e outro pela escura  
 Mata rompendo o valle atraveflava:  
 Hum veado arrebenta, que a armadura  
 Da frente em varias pontas rematava,  
 Bate os fendidos pés, e indo voando  
 Por ver quem o seguia pára olhando.

## XXXI.

Nas egoas os monteiros apressados,  
 Que parece que o vento nasceo dellas,  
 Seguros vaõ batendo ambos os lados  
 Co's rayos de agudissimas estrellas:  
 Nos valles, e nos montes impinados  
 Mil voltas davaõ nas seguras sellas,  
 Monte, filhos, e cova conhecida  
 As feras deixaõ por fugir co' a vida,



## XXXII.

Cansada á egua Gorgoris levava,  
 E n'um ginete Hispano se subia,  
 Este o chaõ taõ veloz atropellava,  
 Que mostra que voava, e naõ corria:  
 Co' as maõs ferradas, que no ar dobrava,  
 Taõ ligeiro, e taõ forte o chaõ batia,  
 Que desafia os ventos, e parece  
 Que co' pezo que leva entoberbece.

## XXXIII.

Foyse cerrando o ar, foyse cobrindo  
 De nevoa grossa, o cervo amedrontado  
 Por hum valle, e outro valle sacodindo  
 Os pés, apenas piza o verde prado:  
 Chega a hum precipiçio, alli cahindo  
 Co' furor da carreira arrebatado,  
 N'uma perna do alto juntamente  
 Cahe afferrado de hum libréo valente.

## XXXIV.

Este o veyo seguindo, que animoso,  
 Vendo-o cansado, fortemente afferra,  
 O caminho descendo alto, e fragoso  
 Detendo-o vay, cozendose co' a terra:  
 E quando cahe do monte cavernoso,  
 Vendose despenhar naõ defafferra,  
 Para que a ambos seja desta sorte,  
 O perigo commum, commua a morte.

Gor-



## XXXV.

Gorgoris por ferillo a lança erguendo,  
 Chegado a ponto de cahir esteve  
 C'os pés no precipicio, onde temendo  
 O ginete suspenso se deteve,  
 E o perigo, e ruína conhecendo,  
 Volta em roda no ar, ligeiro, e leve,  
 Desfaz a nevoa, e vê no chaõ prostrado  
 O libreo forte, e o timido veado.

## XXXVI.

Tornava aos seus correndo o monte erguido,  
 Que o ginete com leves plantas mede,  
 Quando acha hum javali na agua metido,  
 Que em sangue mata, e naõ no rio a sede;  
 Este alli apertado, alli timido,  
 Das lanças, descompondo a forte rede,  
 As costas segurando, a testa vira,  
 D'um lado n'outro volta ardendo em ira.

## XXXVII.

Tasca furiosa escuma, quando fente  
 As lanças, esgrimindo o navalhado  
 Cutelo de marfim do agudo dente  
 Contra os inimigos, que sentia ao lado;  
 A vista irada aceza em fogo ardente,  
 A cola retorcida, o eriçado  
 Cerro das negras sedas encrespadas,  
 Qual para a guerra lanças ordenadas.



## XXXVIII.

Instando com furor acometiaõ  
 Os libreatos mais valentes, que afferravaõ,  
 Os fabujos de fóra alto latiaõ,  
 As horridas buzinas no ar soavaõ :  
 Os monteiros co' as lanças o feriaõ,  
 Com que os caens afferrallo se animavaõ,  
 Chegaõ, e o que mais chega sahe voando,  
 Na ferida as entranhas palpitando.

## XXXIX.

Com elle alli envestia o mais famoso  
 Libréo, que na pendente orelha afferra,  
 A fera ronca, e do marfim lustroso  
 Bramindo as meyas luas abre, e cerra :  
 Té que de hum bote o caõ forte, e nervoso  
 Aberto cahe, tingindo o sangue a terra,  
 Onde lançava a espumosa vida  
 Envolta em negro sangue da ferida.

## XL.

Gorgoris, tendo a lança levantada,  
 Duro arremeço faz, dizendo : Nesta  
 Verás a morte, e a fronte carregada  
 Rompe o ferro amolado, e dura testa :  
 Tremendo cahe do golpe ensanguentada  
 Sobre seu grande corpo a fera besta,  
 A quem com gosto o vencedor levanta,  
 E os que espantara viya, morta espanta.

Já



## XLI.

Já Gorgoris da caça fatigado,  
 Morto o graõ javali, de Chelos dece,  
 Monte alto, donde o nome derivado  
 De Chellas hoje dura, e permanece:  
 Nos valles Caballinos vê prostrado  
 O que Ulysses matou, que inda parece  
 Que o nome querem conservar comfigo  
 Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

## XLII.

Alli chegou Ulysses, e tornando  
 Para a Cidade, goza dos favores  
 Da graõ Calypso, em cujo peito brando  
 Tanta impressaõ tem feito seus amores:  
 Nestes doces cuidados enganando  
 Os dias, que entaõ julga por melhores,  
 Nota hum sitio eminente, e mais seguro  
 Para erguer da Cidade o nobre muro.

## XLIII.

C'os seus o caso Ulysses conferia,  
 Huns erguer a Cidade lhe approvavaõ,  
 Outros votando por diversa via,  
 Fundar os novos muros reprovavaõ:  
 Que se erga a graõ Cidade se vencia  
 Contra os que pela patria suspiravaõ,  
 Que he graõ doçura a com que a patria amiga  
 A suave lembrança nos obriga.

Hum



## XLIV.

Hum grande altar a Jupiter potente,  
 Ulysses forma, ante elle se prostrava,  
 E coroado de arvore eminente  
 Com grande affeito o forte Grego orava:  
 Concorre a acompanhallo alegre a gente,  
 E cada qual de Baccho coroa  
 A ardente taça, e por diversos modos,  
 Dando vozes ao Ceo, se alegraõ todos.

## XLV.

E da arvore do Sol cingindo as fronte,  
 A erguer os novos muros se animavaõ,  
 Ao Genio, que habitava aquelles montes,  
 E antiga terra, em versos celebravaõ:  
 Ao velho Jano as Nayades das fontes,  
 Ao graõ Neptuno, e a Eolo libavaõ:  
 Toou Jove do alto, e pelo raro  
 Ar corre hum resplendor divino, e claro.

## XLVI.

Todos com vozes altas vaõ seguindo  
 O grande agouro, que no Ceo se via,  
 Com duro ferro a dura terra abrindo,  
 Que agradecerlhe os golpes parecia:  
 Que nome lhe dariaõ conferindo  
 A' Cidade fatal, que entaõ nascia,  
 Hum lhe chama Ulyssipo, outro a nomea  
 Pelo famoso Ulysses Ulyssia.



# CANTO VII.

## XLVII.

Que se chame Ulyſſea concordaraõ,  
 Viva Ulyſſea, dizem, glorioſa,  
 Quando nos fundamentos, que lançaraõ,  
 Couſa deſcobre o Ceo rara, e famoſa:  
 Que no templo, que a Pallas levantaraõ,  
 Huma cabeça humana portentofa  
 Viva nas cores viaõ, e huma eſpada  
 Dos poderes do tempo reſervada.

## XLVIII.

Hyripilo agoureiro Ulyſſes chama,  
 Que com aſtro divino lhe dizia:  
 Aonde eſta cabeça teve a cama,  
 Quer Jove erguer mais alta Monarchia:  
 Aqui grandes varoens de eterna fama,  
 Além dos termos, que preſcreve o dia,  
 Faraõ que no Univerſo ſe conheça,  
 Que he de Europa Ulyſſea alta cabeça.

## XLIX.

Tanto que o cerco repartido eſteve  
 Da famoſa Ulyſſea, honra de Marte,  
 E o muro, e templo aſſignalado teve,  
 Ruas abrindo vay, praças reparte:  
 Ferver ſe via a obra em tempo breve,  
 E o trabalho exceder modellos, e arte,  
 Pelos montes ſe ouvia, donde mora,  
 Os golpes repetir Echo ſonora.

Q

Quan



## LIX

Quantos robustos braços se veriaõ  
 Suar na obra , tendo por suave  
 Trabalho o com que os marmores partiaõ ,  
 Arrastando no carro o peso grave:  
 Outros o monte , e bosque alto feriaõ ,  
 Donde a pesada pedra , e grossa trave  
 Deisce , que ao templo , e muro se accomoda,  
 Pelo artificio da voluvel roda.

## LII

Este a lenha do monte ás costas passa  
 Ao fogo intenso , que arde , outro trabalha  
 Fazendo a dura terra em molle massa  
 Para a cozer na fervida fornalha :  
 Qual porque sirva na soberba trassa,  
 A pedra pule , e a coluna entalha ,  
 E outro sobre a porta levantada  
 A cornija accomoda carregada.

## LII

Como se na obra Dedalo assistira ,  
 Com graõ cuidado , e graõ fervor se obrava ,  
 Cada hum succede no trabalho , e tira  
 O carro , que gemendo atravessava :  
 Quem vê o muro , com razaõ se admira  
 Como huma pedra , e outra assim quadrava ;  
 Que representa a obra illustre , e rara ,  
 Que a cithara Thebana edificara.



## CXXV.

A vós em vaõ me queixo, e o mar irado,  
 E irado vento em vaõ mover procuro,  
 Mar furdo, e furdo vento, que alterado  
 Açouta este rochedo aspero, e duro:  
 Aqui do debil laço desatado  
 Meu espirito este mar, e este ar mais puro  
 Ha de turbar, ó ingrato, lhe dizia,  
 E o echo, ó ingrato, ó ingrato, repetia.

## CXXVI.

Huma montanha, e ferra inhabitada  
 Se erguia ao ar, em cuja corpulenta  
 Espalda a cerviz dura de encurvada  
 Mostra, que o crystallino Ceo sustenta:  
 De pungentes espinhos coroadada  
 A fereza das pedras se accrescenta,  
 Que pendentes do alto estaõ mostrando,  
 Que sobre o mar se vaõ precipitando.

## CXXVII.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca  
 Se ouvem disformes brados, e gemidos,  
 Com que batendo a levantada roca,  
 Vay gastando os penedos corcomidos:  
 Grutas escuras abre, onde troca  
 Em noite o dia, e nellas escondidos  
 Marinhos monstros, e nocturnas aves  
 Sahem meneando o ar com azas graves.

Por



## CXXVIII.

Por se arrojár Calypso está subida  
 Onde a terra mais livre ao ar se estende,  
 Cobardemente oufada, e atrevida  
 Duvêda, e já a si mesma se reprende:  
 Que temo, diz, pois he castigo a vida  
 A hum triste, e já no ar c'os filhos pende,  
 O Tejo a recebellos vay sahindo,  
 Os puros braços de crystal abrindo.

## CXXIX.

Hum dos filhos, que leva, lhe tomaraõ,  
 Com dous cahio do precipicio horrendo,  
 Que no fundo do pego, onde pararaõ,  
 Se vaõ em duras pedras convertendo:  
 Já de penedos firmes levantarãõ  
 A negra fronte, onde o mar batendo  
 Sobre o rolo das ondas, que quebranta,  
 Espumoso nos ares se levanta.

## CXXX.

Com largos braços seus de branca area  
 Calypso abraça os filhos transformados,  
 Que nas ondas do Tejo, que os rodea,  
 Mostraõ seus duros corpos levantados:  
 E misturando o sal com a doce vea  
 Do rio, os bravos mares empolados  
 Alteraõ com mór força, e mayor furia,  
 Como em lembrança da passada injuria.

Tem



## CXXXI.

Tem nas portas do Tejo levantada  
 A testa altiva, e fera, ameaçando  
 As naos, que buscaõ porto, e doce entrada,  
 De branca escuma as ondas coroando:  
 Alli o mar com roucas ondas brada,  
 Nos penedos altissimos quebrando,  
 Que ruinas maritimas preparaõ,  
 E o nome de cachopos conservaraõ.

## CXXXII.

Já tem da Real purpura vestido  
 Ulysses a seu filho, a que o dourado  
 Cabello da coroa vê opprimido,  
 E a lactea maõ do scetro carregado:  
 Quando desce do Olympo esclarecido  
 A reprendello o mensageiro alado,  
 Que na velocidade parecia  
 Lucida estrella, que do Ceo cahia.

## CXXXII.

Dizlhe como partia, se deixava  
 Por acabar a obra illustre, e rara  
 Do graõ templo, que a Pallas fabricava;  
 Que os muros de Lisboa sempre honrara:  
 Que a vingativa deosa se enojava,  
 E que em quanto a partirse se prepara,  
 Acabe o templo, disse, e n'hum momento  
 Nas leves azas se escondeo do vento

A luz



CXXXIV.

A' luz , que pelos ares resplandece,  
 Os joelhos por terra o Grego inclina,  
 O templo illustre por momentos crece ,  
 Que acabado com as nuvens se termina :  
 Já nelle sacrificios offerece ,  
 Por melhor applacar Pallas divina ,  
 Alli pendura as armas , cuja liga  
 Foy de Vulcano altissima fadiga.

CXXXV.

Do templo sahe , e solta ao vento o pano  
 Da negra antena , deixa a alta Lisboa ,  
 Onde nasce do Imperio Lusitano  
 De tantos Reynos a immortal coroa :  
 Cortando os largos campos do Oceano  
 No leve pinho , pelas ondas voa,  
 Deixando edificada a graõ Cidade  
 Emula ao tempo , e á mesma eternidade.

CXXXVI.

Aqui , Senhor , a quem o Cancro ardente  
 Té a Urfa Boreal , e o congelado  
 Polo obedece , e o lucido Oriente  
 Forma hum docel de pérolas ornado :  
 A quem terras , e mares do Occidente  
 Fazem de seus crystaes soberbo estrado,  
 E inda parece a quem vos considera,  
 Que he esta a taõ graõ sol pequena esfera.

Aqui



## CXXXVII.

Aqui, filho de Jupiter de Hespanha,  
 Tendes hum mundo n'huma só Cidade,  
 A quem de prata, e de ouro o Tejo banha  
 Em sinal de sua eterna magestade:  
 Para tamanho Rey couza tamanha  
 Em seus feyos guardou a eternidade,  
 Que para se igualar vossa grandeza  
 Novos mundos vos busca a natureza.

## CXXXVIII.

Prole das móres aves, as gravadas  
 Armas vesti, e o vosso esclarecido  
 Leaõ levem bandeiras despregadas,  
 Onde espante toda a Asia o seu bramido:  
 Occupem o todo o mar bosques de armadas,  
 Té rebentar Neptuno de opprimido,  
 Preparem para imagens de Filippo  
 Lenços Apelles, marmores Lyssippo

## CXXXIX.

O fim de vosso Imperio he o Oceano,  
 E o Ceo nos termos, que prescreve ao dia,  
 Da segunda coluna do Thebano,  
 Atlante, pondo a vista em vós, se enfia:  
 Treme o Inglez, o Belga, o Ottomano,  
 E partindo com vosco a Monarquia,  
 Lhe ficará no Olympo, onde se encerra,  
 A Jupiter o Ceo, a vós a terra.

LAUS DEO.



















